

Celestino Costa

A Fala da Minha Gente

ESTOU VENDO COM AMARGURA
O MUNDO MAIS ÀS AVESAS
PARA ISTO SÓ UMA CURA
O TRANSPLANTE ÀS CABEÇAS

FICHA TÉCNICA

Autor: Celestino Costa

Título: *A Fala da Minha Gente*

Edição: Associação Cultural de Cascais

Apresentação e revisão: José d'Encarnação

Maquetização: Stefanie Boucinha

Impressão: Sul Office

© Celestino Costa

Cascais

Agosto 2024

100 exemplares

Tal qual a gente diz...

O que Celestino Costa aqui nos apresenta é, de facto, tal qual a gente saloia diz e, porventura, escreve, quando não tem mais do que a 4ª classe, como sói dizer-se. Escreve-se como se pronuncia.

Não se nega que este ‘repente’ de Celestino possa ter surgido, quase por geração espontânea, depois de ter lido o magnífico repositório que Maria Micaela Soares nos legou, *Glossário de Linguagem Popular* (Cascais, 2023), livro que o Doutor Vítor Serrão apresentou no Centro Interpretativo do Casal Saloio, em Outeiro de Polima, a 17 de Março deste ano de 2024. Micaela Soares foi pelas expressões populares mormente desta região ocidental da ‘península’ de Lisboa; Celestino Costa, que já nos brindara com o livrinho, também editado (em 2023) pela *Apenas Livros, Nomes ou Alcinhas das Pessoas dos Meus Livros*, optou por mostrar como se dizem muitas palavras aqui.

Diga-se, em primeiro lugar, que não nos enganaremos se se afirmar que se trata dum interlocutor privilegiado. Com efeito, se bem se reparar, houve da sua parte – ainda que, porventura, inconsciente – uma selecção. Os termos, as frases escolhidas são as mais correntes no dia-a-dia da região saloia cascalense. E esse é também, do ponto de vista sociológico, um aspecto a ter em conta.

Acentue-se, em segundo lugar, que o livro de Micaela Soares é passível de se enquadrar no movimento – também ele, porventura, inconsciente – de se lutar contra o polvo anglicista que nos asfixia, na tentativa de fazer morrer as línguas nacionais. Quiçá, entre nós, o livro *O Dia dos Prodi-*

gios, de Lidia Jorge (1ª edição, 1979), possa ser considerado um marco na divulgação dos nossos lídimos vocábulos (nesse caso, o do Reino do Algarve). Uma pedrada no charco. Só largos anos depois, após a aprovação da lei na Assembleia da República, em 17 de Setembro de 1998, o mirandês passou a segunda língua oficial em Portugal, mas o movimento aí estava. E não será de causar admiração o facto de, nos seus livros, a olhanense Julieta Lima dar plena guarida ao falar algarvio e de o Doutor João Lourenço Roque, nas suas *Digressões Interiores*, se interessar por dar conta de como, na sua região da Beira Baixa, o português que ora se fala, repleto de provincianismos.

Por outro lado, e num outro domínio, o da publicidade, não se estranhe que o linguajar de todos os dias ganhe cada vez maior relevo, para chamar a atenção. Os publicitários estão, naturalmente, sempre na crista da onda, auscultam as correntes mais subterrâneas e, por isso, jamais será de estranhar que, por exemplo, numa garrafa do bem apreciado medronho, se leia a ‘marca’ **tiriqueda**, forma popular da expressão «tiro e queda» para designar o assaz agradável efeito imediato de um cálice desse precioso néctar.

Voltando ao rol de palavras e expressões que Celestino nos apresenta neste livro, importa esclarecer que se entrelaçam aqui as formas de escrita resultantes de mero som igual e mal grafado (furquilha em vez de forquilha – a troca do o átono por u é frequente na escrita ‘popular’) ou de aspectos bem conhecidos na fonética: a troca do **b** pelo **v** (bazar por vazar), a dissimilação (Felipa em vez de Filipa), a prótese (arrebite), a epêntese (maramota por marmota), uma espécie de metátese (nágueda por nádega), a apócope

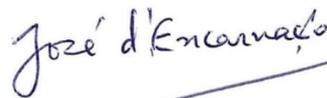
(viage)...

A lei do menor esforço dita, por seu turno, muitas alterações: é mais fácil dizer porgama que programa!...

Está, por outro lado, bem claro aqui um dos problemas maiores que a língua portuguesa apresenta para um estrangeiro que a queira aprender, além – como se sabe – da facilidade com que se comem as sílabas átonas: é o som es. Por isso, Celestino não hesitou em incluir neste rol *checritor*, *chetado*, *chetufa*!

Interessado em dar a conhecer como se falava há uns 50 anos, como se pronunciavam muitas palavras neste interior do concelho, principalmente no território hoje pertencente à freguesia de S. Domingos de Rana, Celestino Costa não resistiu, porém, a um chamamento íntimo, que lhe está no sangue: a poesia.

Daí a quadra que ousou apontar como mui digno cólofon desta viagem, a lembrar aquele episódio d'As Aventuras de João Sem Medo, quando o João encontrou pessoas que andavam de cabeça para baixo: está este mundo às avessas, diz Celestino, urge um transplante de cabeças!



Associação Cultural de Cascais